

Música

O roqueiro global

Apassionado pelos sons da América, Zucchero aposta em duetos com grandes estrelas e no tempero italiano para conquistar o mundo

Por Daniel Lima Imagens: Divulgação

Estão todos lá, símbolos essenciais da onipresente cultura estadunidense: o roqueiro de cabelos e barba longos, a voz rouca castigada pela vida, o chapéu saído de um filme do velho oeste, a guitarra Telecaster - modelo seminal, o corte angular que deu origem às guitarras elétricas e é a preferida de Bruce Springsteen. O molde clássico do rockstar. A origem, no entanto, destoa. Italiano da cidade de Reggio Emilia, no norte do país, o cantor Zucchero encarna como poucos o princípio de antropofagia cultural com seu rock importado, mas de sotaque bem definido.

Nascido Adelmo Fornaciari em 25 de setembro de 1955, passou parte da infância e da adolescência na cidade costeira de Forte dei Marmi, na Toscana. Desde pequeno, a música estadunidense o atrai. "Tenho Nova Orleans no meu coração desde os 10 ou 11 anos de idade, me apaixonei pelos sons de lá", diz. Aos 15 anos já formava suas primeiras bandas, como I Duca, Le Nuove Luci, I Decals e The Sugar & Candies. Em 1979, em parceria com o cantor Michele Pecora, compõe seu primeiro hit,

"Te ne vai". Já apelidado de Zucchero - do italiano "açúcar", devido à doçura da personalidade do jovem Adelmo -, ele forma a banda Taxi. O sucesso não tarda a surgir: em 1981, no Festival de Castrocaro, levam a primeira colocação com a música "Canto te". Em 1982 e 1983, destacam-se no famoso Festival de San Remo com as músicas "Una notte che vola via" e "Nuvola", respectivamente.

Ainda em 1983, Zucchero lança seu primeiro álbum solo, "Un po' di Zucchero". Insatisfeito com a recepção do disco, muda-se para a Califórnia, onde se junta ao produtor e guitarrista italiano Corrado Rustici e à banda do baixista Randy Jackson - que já tocou com o Journey e com Mariah Carey, além de ser conhecido como jurado do programa "American Idol" - para gravar o álbum "Zucchero & The Randy Jackson Band", lançado em 1985. Bem produzido e modelado em torno de uma sonoridade pop apátrida, apesar de cantado em italiano, o trabalho rendeu a Zucchero o sucesso "Donne", que dominou as paradas de sucesso na Itália. De volta à Califórnia, grava seu disco seguinte, "Rispetto", que inclui outro sucesso, "Come il sole all'improvviso", música apresentada por um Zucchero de cabelos curtos e face limpa no Festivalbar de 1986.

Naquele momento, o artista começava a mostrar seu lado *soul* e as influências estadunidenses. Apesar da voz ainda jovem e em processo de amadurecimento, então intensificado pela dieta desregrada de bebida e cigarros, Zucchero ganhou o apelido de "resposta italiana a Joe Cocker", uma comparação ao roqueiro inglês de voz rouca e símbolo do Woodstock, também conhecido por sua versão desvairada de "With a Little Help from My Friends", dos Beatles (curiosamente, o italiano e Cocker dividiriam o palco em 1987 por três vezes e fariam dueto nessa mesma música).

Em 1988, lança o álbum "Blue's", disco que toma de assalto as paradas italianas e transforma Zucchero em ídolo de primeira grandeza no país. A sonoridade não difere do trabalho anterior: batidas dançantes de soul, funk e rhythm'n'blues. Impulsionado por hits como "Con le mani", lança-se em turnê por países como França, Alemanha, Holanda, Suíça, Espanha, Dinamarca e Bélgica. No caminho, apresentou-se ao lado de lendas como o cantor Solomon Burke, os guitarristas Al di Meola e Robert Cray, e o gênio do jazz, Miles Davis. Em



A personalidade doce de Adelmo Fornaciari lhe rendeu o apelido de Zucchero - "açúcar", em italiano

A imagem perfeita do rockstar, com sotaque italiano



1989, grava "Oro incenso e birra" em Memphis, também nos Estados Unidos, disco que inclui participação do guitarrista Eric Clapton.

Tanto como artista quanto como fenômeno de mídia, Zucchero nunca deixou de buscar uma nova fronteira. Mais do que "cópia italiana" ou cria de influências importadas, ele surgia, já nos anos 1980, como exemplar notável da globalização: um artista ao mesmo tempo local (declaradamente afeito a Puccini e Verdi e frequentemente cantando em sua própria língua), e de apelo universal, moldado tanto por influências pessoais como por um belo senso de marketing. Em 1990, celebrado em seu país, mas ainda relativamente pouco conhecido fora dele, grava "Zucchero Sings his Hits in English", álbum com versões de sucessos anteriores cantados em inglês e lançado no mundo inteiro. No ano seguinte, lança o single "Senza una donna" (Without a Woman), em dueto com Paul Young, e a canção se torna sucesso imediato, inclusive no Brasil: chega ao topo das paradas europeias, à segunda colocação no Reino Unido e à quarta posição nos EUA. No mesmo ano, sua apresentação no Kremlin, na Rússia, é lançada em disco e em vídeo.

Músico sociável, colabora com dezenas de artistas ao longo da década de 1990, como Elton John, Bryan May (guitarrista do Queen), o "blueseiro" Buddy Guy, Bono, Sting, Luciano Pavarotti e até um jovem Andrea Bocelli, tenor descoberto por

Zucchero e que, ironicamente, ganharia o mercado americano antes mesmo que o próprio Zucchero e suas influências locais declaradas.

A conquista da América, por assim dizer, permaneceu uma das metas imutáveis de Zucchero ao longo da carreira, mesmo com todo o sucesso alcançado na Europa, com álbuns como "Miserere" (1992), "Spirito divino" (1995), a coletânea "The Best of Zucchero: Sugar Fornaciari's Greatest Hits" (1996) e "Bluesugar" (1998).

O sucesso no berço de boa parte de suas influências só viria em 2005 com o álbum de duetos "Zucchero & Co.", lançado nos EUA pelo selo musical da cadeia de cafés Starbucks. O disco alcançou a respeitável 84ª posição do ranking da Billboard. Não sem a aplicação de um esmerado trabalho de marketing: o álbum foi lançado em seis versões diferentes, cada uma ajustada para agradar os gostos locais - como um dueto com um cantor local para a edição francesa ou uma cantora australiana para a edição da Oceania. Roqueiro competente e baladeiro de vocação, Zucchero tornou-se, nas mãos de sua gravadora, símbolo de um mercado fonográfico em crise e em desespero por sucessos de grande escala, para além de fronteiras nacionais. O requisito básico para tal façanha, no entanto, é um tipo de personalidade ao mesmo tempo única e camaleônica. E Zucchero, com seus rocks à italiana e baladas passionais e dançantes, parece preencher esses requisitos a contento.